

Escrevendo a Consciência

Gêneros textuais e reflexões étnico-raciais



Painel produzido pelos estudantes do 7º ano com mediação da professora Elke Talone

Escrevendo a Consciência: gêneros textuais e reflexões étnico-raciais

Organização: Cristina Diniz Lucas Castro

Colaboração: Juliana Rosa Moreira Duarte Herculino

Anna Paula Teixeira Daher

Elke Lorena de Melo Talone

Renata Dias Junqueira

Renata Alessandra Weber

Atividade realizada com os estudantes da segunda fase do Ensino Fundamental do Colégio Gonçalves Lêdo-F.A.M.A. com a mediação das professoras Cristina Diniz Lucas Castro e Juliana Rosa Moreira Duarte Herculino.

APRESENTAÇÃO

Esta coletânea é o resultado de um projeto que nasceu da necessidade de valorizar a cultura afro-brasileira, combater o racismo e construir uma consciência crítica e respeitosa na escola.

Ao longo das atividades propostas, os alunos foram convidados a refletir sobre o racismo estrutural, a valorizar a cultura negra e a compreender a importância do Dia da Consciência negra como um momento de resistência e aprendizado.

Esta coleção reúne diferentes gêneros textuais- poemas, crônicas, artigos de opinião, carta aberta e charges produzidos pelos estudantes da segunda fase do Ensino Fundamental. Em cada página é possível encontrar vozes que se levantam contra o preconceito, reafirmam a identidade negra e o respeito à diversidade.

Cada linha das produções são frutos das discussões e experiências vivenciadas em sala de aula e mostram a vontade dessas crianças e adolescentes de transformar a realidade e denunciar injustiças.

Assim, esta obra se torna um convite à leitura, reflexão e celebração do respeito à diversidade, mostrando que a educação também é um ato de resistência e esperança.

Cristina Diniz



Desenho produzido pela estudante Izabella dos Anjos Duarte- 7º ano

POEMAS:

Minha cor é poesia

Ana Luiza Silva Veloso- 6º ano

Sou negra sim!

Com alma e cor

Com a força que nasce da dor

Com o brilho no olhar

Resistência no peito

E amor próprio

Feito de respeito

Na minha pele carrego histórias antigas

De reis, rainhas e vozes amigas

Do tambor que chama

Da dança que cura

Da fé que floresce

Mesmo na vida dura

Sou raiz, sou tronco, sou chão

Sou luta, coragem, canção

Sou passado, presente e futuro inteiro

Sou negro com orgulho verdadeiro

Porte de voz

Ana Júlia Araújo Sousa – 6º ano

Racismo é crime cruel!

As pessoas negras sofrem no dia-a-dia

O que nenhuma pessoa branca sofrerá

E nunca saberá como é

O sentimento de ser discriminado

Os brancos nunca sentirão a dor do chicote

Por serem negros incriminados injustamente

Tendo que sofrer cotidianamente

Por não ter porte de voz

Chicotadas na alma

Alice Sabino de Souza – 6º ano

Todos temos o sangue vermelho
Nunca azul como dizem
As chicotadas do racismo doem não só no corpo do negro
Mas também na mente
E na alma

O sangue que escorre é vermelho
Nunca outra cor
As feridas da discriminação racial
Fecham no corpo
Mas não na alma

Antirracista

José Arthur Apolinário Viana – 6º ano.

Olha, eu vou te contar uma história
Que aconteceu há muito tempo
Mas ainda está marcado na pele dos nossos descendentes

Os negros foram caçados na África
Muitos eram reis e rainhas
Acoitados, violentados
Nos navios negreiros foram colocados
E trazidos para nossa terra

Devido a essa triste parte da nossa memória
E ao sofrimento dos nossos antepassados
Não basta não ser racista
Precisamos ser antirracistas
Antirracistas

O racismo é um sentimento
Que não pode ser alimentado
O racismo deve morrer!

Orgulho de mim

Sofia Vitória Dantas Sousa – 6º ano

Com muito orgulho

Sou negra sim!

Só não entendo por quê

Na rua olham todos para mim

Meu cabelo é lindo!

Minha pele também!

Só não entendo por quê

As pessoas não querem meu bem

Para que isso?

Para que tanto desgosto?

Mal saio na rua

Já me olham com olho torto!

É preciso ter um pouco de consciência

Para combater o racismo

É preciso de resistência!

Por que o racismo?

Maria Eduarda Lima Cabral – 6º ano

Oh, por que existe racismo?

Por que existe preconceito?

Todos me olham

Mas por quê?

Sou só uma criança

Com muito orgulho

Sou de pele negra

Mas fico tão triste

Por que os brancos podem e os negros não?

Eu posso sim!

Não entendo

Deveríamos ser todos iguais

Só nossas peles são diferentes.

Negra é a beleza do mundo

Luiz Gustavo Vasconcelos Xavier 6º ano

Os pretos são lindos

Nós amamos nossa cor

Trouxemos nossa cultura

Nossas comidas e nossa raça

As nossas tranças

Nossas danças são um sucesso

Mas as pessoas nos chamam de gente de cor

Mas eu digo que tem beleza na minha cor

Eu sou negro

Minha família é negra

Eu amo minha cor!

Luta contra o racismo

Bruna Carla Barbosa Moreira Ferreira- 6º ano

Diversas pessoas hoje em dia sofrem

Pelas chicotadas do racismo

Sofrem por abusos

Sofrem por maus tratos

Sofrem por fome

Sofrem preconceito

O racismo é uma triste herança do passado

Todo sangue derramado

As lágrimas

Os gritos de socorro

As feridas não foram curadas

Apesar de todo sofrimento

O racismo ainda continua

É uma mancha enorme

Na história do povo brasileiro

A cor da resistência

Isaque Noah Ferreira Castro- 6º ano

O racismo continua acontecendo até hoje
Mas nós seguimos firmes
Aguentando
E lutando contra o racismo

A nossa luta é por respeito
Pelas pessoas que sofrem
E sofreram pelo racismo

Todos somos seres humanos
E merecemos respeito
E continuaremos a lutar
Para o racismo acabar

Racismo ilegal

Nathan Miguel Fernandes de Carvalho – 6º ano

O racismo não é legal

O racismo é ilegal!

Não tem motivo para ser racista

O tom da pele não importa

O que importa é viver em harmonia

Não sei o porquê de tanto preconceito

Não seria legal se fosse com você

Então ame o próximo com gostaria que

Amassem você

Então vamos juntos nessa batalha

O racismo machuca como navalha

Na luta contra o preconceito racial

A força da união é essencial

Igualdade de direitos

Cauã Phellipe Ajala Pereira – 6º ano

A minha cor é resistência

A minha cor é inspiração

Mas a minha cor não deveria mudar meu destino

Nem minha realidade

As pessoas negras são excluídas e injustiçadas

Por que os brancos podem e os negros não?

Sendo que somos iguais

Só a cor da pele é diferente

Mesmo sendo negro

Suamos o mesmo suor

O nosso sangue é vermelho

Mas não derramamos as mesmas lágrimas de dor

Eu só queria um futuro com mais igualdade de direitos!

O valor da nossa cor

Gabriel Eli Maracaípe Neiva- 6º ano

O sol desce
A lua de sangue aparece
Numa noite escura e triste

Num navio negreiro
É mais fácil encontrar poeira no ar
Uma agulha em um feno
Do que a liberdade

A escravidão
É uma vergonha para nossa história
Mas temos na memória a vitória
Da luta e resistência

Chegou ao fim a escravidão
Mas os negros ainda são injustiçados
E não recebem o devido valor

Infelizmente na valorização da nossa cor
A conta não fecha
Dois mais dois ainda são cinco

Navio negreiro

Guilherme Prado Adorno (6º ano)

Racismo é errado
Os brancos não se lembram da marca do chicote
Enquanto os negros eram surrados

No navio negreiro muitas coisas ruins aconteciam
Mulheres e homens açoitados
Muitos morriam na viagem

Os brancos nunca vão saber
O que é ser sequestrado
Tirados de seu país de origem
Trancados em um navio
Sendo torturados
Para literalmente morrerem de trabalhar

Nossa história foi muito triste
E se chegamos até aqui
Foi com muita luta e resistência

O que é ser negro?

Anna Beatriz Neres de Oliveira – 6º ano

Ser negro

É dor, sofrimento

O passado ainda dói no corpo

A violência da escravidão deixou marcas

Mas eu tenho orgulho do meu passado

Da minha cor

Do meu cabelo

Apesar de tantas lutas

Resistimos!

A cor da história

Rodrigo Adrian Hernandez Pena -6º ano

A cor negra não é só escravidão

É luta, força e orgulho

É resistência

É por isso que

O racismo não pode existir

O racismo é crime

O racismo é feio

O racismo machuca e

humilha

O racismo é um ato de vergonha

Precisa acabar!

Amo minha cor

Valentina de Melo Gomes – 6º ano

Minha cor é linda e reluzente

Ela é a beleza da nossa gente

Amo minha pele

Meu cabelo

Minha cor significa força, resistência e

Luta por direitos

Minha cor não é motivo de vergonha

E sim de orgulho e consciência!

Além da cor

Ninna de Sousa Carvalho (6º ano)

No olhar do outro, vejo a dor
Preconceito, ódio,
Falta de amor
A cor da pele como se fosse
Crime a pagar
Injustiça que não quer cessar

Mas a luta continua firme e forte
Pela igualdade, pela injustiça
É isso o que importa
Sem distinção, sem mais dores

A sociedade clama por mudança
Por respeito e amor
Cada passo, uma vitória
Pela igualdade uma nova história



Desenho produzido pela estudante Katharine Costa Alvares

Criança preta

Raphael Vieira de Meira Reis – 7º ano

Criança preta

Por que estás chorando?

Onde está tua casa?

Onde estão os seus pais?

Deitado no chão da rua

Todo dia, toda noite

O que vais fazer sem nada para comer e beber?

Nessa noite escura

Olhando para a lua

Eu sinto sua dor

Sua falta de calor

Você precisa de amor

De casa, de família

Nessa cidade sem vida

Tão julgado, abandonado e desprezado

Devido a sua cor

Não é só a cor

Ana Luísa Machado de Bastos – 7º ano

Não é só a cor
É o peso do olhar
É atravessar a rua e ser temido
Ter que provar para conquistar
Enquanto o outro ganha sem se esforçar

É ver nossa história sendo apagada
E ser herói sem nome no jornal
E ter a dor camouflada
Pela invisibilidade da vida real

Mas da negação vem a força
Um grito que não quer ser silenciado
Não vamos nos calar
A luta continua!

Violência contra a mulher negra

Maryana Santana Lopes – 7º ano

Ser mulher...	Chega de desprezo
É ser guerreira	Mereço ser amada
É ser princesa	Não maltratada
Mas ser negra	Ser morta à toa
É ser presa?	Não ter escolha
Sempre assediada	Ser julgada
Sempre desrespeitada	E por nada
Nesse mundo injusto	Quero ser valorizada
Eu respiro fundo	Ser respeitada
Minha cor não define	Não peço muito
Minha cor não decide	Só algo melhor para o mundo
Meu destino	Igualdade, peço de verdade!
Mereço respeito	
Eu tenho valor	
Eu sinto essa dor	
Eu tenho sentimentos	
Eu tenho pensamentos	
Nessa discriminação	
Eu levanto opinião	
Eu amo minha cor	
Eu sei o meu valor	

O racismo não é brincadeira

Marcella Vitória da Silva Tavares – 7º ano

O racismo não é brincadeira

O racismo não é “mimimi”

Racismo é crime!

E deve ser punido com prisão

Todos nascemos iguais

Mas não temos as mesmas condições de vida

As desigualdades sociais são maiores entre a população negra

Essas pessoas têm poucas oportunidades

No Brasil, vários trabalhos excluem pessoas negras

Vários negros são mortos em situação de injustiça

É importante que as pessoas negras ocupem por direito

Seu lugar na sociedade

Temos que combater o racismo

O racismo não é “mimimi”

Temos que jogar o racismo no lixo da história

Uma sociedade justa precisa dar lugar para

todas as pessoas

Poema racial

Isadora Pereira Diniz – 7º ano

A cultura negra é maravilhosa
Mas enquanto devia ser valorizada
É desprezada

Mesmo com leis e penas contra o racismo
O mundo ainda não mudou
As pessoas estão presas no passado
Na herança da escravidão

Devido a esse legado
As pessoas negras tem menos oportunidades
Fomos atrasados pela história
e pelas desigualdades

Vivemos como podemos
Dentro das condições que temos
Mesmo não sendo muitas
Mas lutamos todos os dias por igualdade

E pelo menos temos a certeza
Que fizemos tudo o que pudemos
Para construir um mundo melhor
Mesmo que para isso tivemos
Que passar por dores que
Talvez não se curem mais

Consciência e igualdade

Lucas Ferreira Barros – 7º ano

Mulheres negras

Homens negros

Sofrem racismo

O tempo inteiro

Isso não é poesia

É frágil empatia

Só quero denunciar

Os perigos da falta de cidadania

Cuidado com o que você fala

Pois palavras racistas não caem ao vento

Elas geram dor e revolta em massa

Infelizmente o racismo acontece

O tempo inteiro com nossa gente

Todas as pessoas negras só querem respeito

E igualdade de direitos

Eu não sou negro

Mas tenho descendência

E só peço mais decência

Que tudo se resolva com união e amizade

Mas isso nunca vai acontecer

Se não houver igualdade!

Pura humilhação

Leonardo Martins Dantas

Desde muito tempo atrás
Os negros são agredidos
As pessoas não têm dó
E continuam com racismo

O que eles passam hoje
Os brancos não passarão
Tem gente que acha o racismo normal
Mas é pura humilhação

Eu fico pensando
O que se passa na cabeça
Desse povo sem respeito
Isso é sinônimo de frieza

Eu posso sentir a dor dos meus irmãos
Quem sofrem em silêncio
Sem serem notados
Que Deus os abençoe!
E que não sejam mais maltratados

A cor não define ninguém

Gabriela Sousa Cintra – 7º ano

Nasce uma criança com alma
pura e cheia de graça,
Mas o mundo a marca
Com ameaça.

Pele não dever ser motivo
de preconceito,
Mas sim de respeito.

Olhares ameaçadores, palavras cruas,
Que revelam as verdades nuas.

Sorrisos negados,
portas fechadas,
Histórias de dor
que são silenciadas.

O racismo cala, mas não destrói,
A força de um povo que nunca
se foi.

É hora de lutar com voz e ação,
Para buscar a solução.

Que a cor não defina quem pode sonhar,
E a igualdade de direito
Nos faça celebrar

Tempos modernos

Angeliny Stival Nunes Gomes Gonçalves -7º ano

Em pleno século 21

Tempos tão modernos

Mesmo após a escravidão

Tem gente que acha que a cor
define em cada um seu valor

Julgam se a pessoa tem liberdade

ou ainda é mercadoria

Preso à velha mentalidade

Que insiste em roubar autonomia

Não sei como é ser uma mulher negra

Mas vejo a sua dor e

Tento entender seu terror

Quando ando pelas ruas

Tenho medo de me fazerem mal

Mas sei que só pela cor

As mulheres negras sentem
o dobro do meu horror

Realmente não entendo por quê

O racismo ainda existe

É algo tão ilógico, sem sentido

Mas tem muita gente

Que não concorda comigo

Tenho certeza, mulher negra
Que eu não aguentaria sentir sua dor
E nem entendo por que lhe causam tanto pavor

Ser mulher negra é ser linda e empoderada
Mas também é ter medo de ser violentada
Excluída e maltratada

Espero que com esse poema
As pessoas entendam que ter a pele diferente, afinal
Não dever ser sinônimo de anormal

As vozes que aqui se levantam contra o racismo
Ecoam justiça, rompem o abismo
E não podem ser caladas!

Assim é o racismo

Emily Beatriz Borges Santos (7º ano)

Assim é o racismo

Por causa da minha cor

Eu sou excluído

Mas carrego o meu valor

Assim é o racismo

Sofro agressão

E sou chamado de negão

Mas esse não é o meu nome

Tenho identidade, tenho origem

Por que me chamam assim?

Me zoam por causa da minha cor sim

Ser preso por nada

Dizer que sou filho da empregada

Violência gratuita

Mas sigo firme, de cabeça erguida

É sério que tudo isso

É pela minha cor?

Sonho com uma sociedade justa

E com mais amor

O tom da voz

Anna Isabela Cardoso de Freitas (7º ano)

A cor da pele não devia definir o valor

Cada ser humano carrega sua dor

O racismo fere e dói

E também destrói

Cada palavra,

Cada lágrima derramada

Das pessoas desprezadas

Cansada de viver a rotina que nunca é mudada

Não se calam!

Mas quase não têm voz

Gritam em silêncio

E no final, poucos entendem

Que a luta deveria

Ser de todos nós!

Sou negra

Geovana Ferreira de Moraes (7º ano)

Sou negra sim!

E não tenho vergonha de mim

Até quando vou terei que me esconder?

Até quando terei medo de sair à rua

E morrer?

Essa sou eu

Maravilhosa e linda no meu jeito de ser

Não sou diferente de você!

Tenho as mesmas partes do corpo

Tenho os mesmos sentimentos

Por que me tratam assim?

Por que sou tão humilhada?

Cansei de ser rejeitada.

Direito de ser

Nicolly Carolyne Alencar de Sousa (7º ano)

Pele negra, pele branca
Cores diferentes, mas sangue igual
Mesmo coração,
Quando cortam, sentem a mesma dor
Então, por que a diferença?

A cor da pele não pode definir
Alma, o coração, o valor da vida
Somos todos iguais
Mas o racismo insiste em nos dividir
Mas não podemos desistir
De lutar, de amar e de viver
Lutando pela igualdade, justiça
Pelo direito de ser

Somos todos humanos
Com sonhos, desejos e medos
Queremos que todos possam ser respeitados
Unindo caminhos e enredos

Ser negro no Brasil

Camille Eduarda Gonçalves Mendes Silva (7º ano)

Ser negro no Brasil é tortura

Tortura de ser eu mesma

Tortura de escutar

“Pega ladrão!”

“Olha a neguinha”!

Coação sem motivo

Nem é por mim

Claramente pela cor, aí sim

Por que comigo?

Ver meu irmão sendo preso

Só por ser “preto demais”

Me sentir mal pelo meu “cabelo de Bombril”

Minha cabeça está a mil

Ser chamada de empregada

Eu já estou cansada

Não suporto tanta dor

Mas sigo firme, com valor



Charge produzida pelo estudante Daniel Franco da Costa- 7º ano

Crônicas

Lápis cor de pele

Daniel Franco da Costa (7º ano)

Era uma tarde comum na papelaria. O movimento estava tranquilo e o dono organizava as prateleiras de cadernos quando foi interrompido por um menino:

— Moço, estou fazendo uma pesquisa para a escola, o senhor pode me responder o que você acha sobre o racismo?

O homem pensou um pouco, procurando as palavras certas:

— Eu acho o racismo muito errado, uma pessoa não deveria ser menosprezada por causa da sua cor de pele ou origem, por isso, o preconceito racial precisa acabar, não só no Brasil, como em todo o mundo.

O menino concordou com um aceno e continuou:

— O senhor pode me dizer qual a cor desse lápis?

— Claro, é lápis cor de pele. Disse o homem.

— Tá bom, muito obrigada por sua atenção. O menino saiu. Então, o menino voltou para casa e assim que chegou, perguntou à mãe:

— Pronto mãe, eu já fiz a pesquisa que você pediu. Mas por que você mandou eu perguntar isso para o moço?

— Então filho, agora eu vou te ensinar o que é racismo estrutural.

Jogo difícil

Davi Ferreira dos Santos (7º ano)

Era um jogo difícil, estávamos empatados até que surgiu a oportunidade de um pênalti, o técnico pediu para eu bater.

Meu coração disparou. Eu corri para a bola, chutei e ... Errei o gol! O estádio explodiu em vaias e logo vieram as palavras que doem mais que a derrota:

- ___ Tinha que ser negro!
- ___ Seu macaco preto.

A vontade de chorar aumentava. A mágoa e a raiva foram maiores e eu, com a cabeça quente, dei uma entrada mais violenta e derrubei o adversário.

E quando eu achei que meu dia não poderia ser pior, o juiz me expulsou do jogo e acabamos perdendo de 1x0.

Após a partida, saí do campo chorando, me dirigi para o carro e quando cheguei, o golpe final: encontrei o veículo todo pichado e riscado com a palavra “macaco”.

Fui para casa arrasado. Me deitei e quando já pegava no sono, acordei com uma batida violenta do lado de fora. Me dirigi ao portão e perguntei:

- ___ Quem é?

Diante do silêncio, resolvi não abrir o portão, então fui surpreendido com uma voz grave que gritava:

___ Você é o neguinho que perdeu o pênalti? Seu imundo! Apostei tudo para ser campeão Você vai ver!

Comecei a me desesperar, e se eles pulassem o muro? Meu coração batia como tambor. Felizmente, o barulho de uma siren cortou o medo e ouvi uma correria.

Me deitei com a sensação de que nunca vou me sentir verdadeiramente em segurança.

Na manhã seguinte, acordei ainda cansado e apareceram as primeiras notícias no celular. Vi que as pessoas que vieram à minha casa foram presas e a torcida que cometeu os atos racistas foi banida dos estádios. Uma semente de esperança começou a brotar. Talvez o jogo não tenha acabado, mas será uma partida muito difícil.

Escolha justa

Ana Clara Ferreira Mendanha (7º ano)

Há quem diga que o caráter de uma pessoa se revela nos pequenos gestos. Eu, Mário acredito nisso. Sou um homem negro e minha trajetória até me tornar empresário foi longa e cheia de pedras no caminho. Por esse motivo, eu tenha desenvolvido um hábito diferente para contratar meus funcionários, que além do currículo, valoriza o caráter.

Na última contratação para o cargo de gerente, resolvi repetir o hábito. Vesti-me de morador de rua, roupas velhas, barba grande e sentei-me na porta da empresa. Logo, avistei a primeira candidata à gerente, muito bem arrumada, salto alto e perfume caro e perguntei com voz cansada:

— Moça, você pode me ajudar com algo para comer? Pode ser um pedaço de pão!

— Claro que não, macaco ridículo! Além de ser preto, você fede!

— Não precisa ofender, moça! Deus lhe abençoe!

— Saía logo da minha frente, porque tenho uma entrevista de emprego.

Algum tempo depois, a outra candidata se aproximou. Uma moça muito jovem de roupas simples e cabelos presos. E eu novamente entrei em ação:

— Moça, você pode me dar qualquer contribuição, estou com fome.

A jovem olhou no relógio e respondeu com um sorriso:

— Posso sim, moço. Tenho uma entrevista de emprego daqui dez minutos, mas em cinco compro uma marmita para o senhor.

E assim o fez. Me entregou a quentinha com um sorriso e apressou os passos para não se atrasar.

Subi para a sala de reuniões ainda vestido como estava. Meus seguranças já nem se surpreendem mais com essas experiências. Lá dentro, as duas moças esperavam.

A primeira me encarou com espanto e a segunda ficou surpresa. Dirigi-me à primeira candidata:

— Qual é o seu nome, moça? Ela apavorada começou a falar de forma compulsiva:

— Meu nome é Kauane! Meu Deus! Houve um engano, por favor me desculpa.

— E o seu nome? Perguntei para a segunda candidata.

— Amanda, senhor!

Expliquei, então, que competência é importante, mas caráter é indispensável. Na minha empresa, racismo e desrespeito não têm espaço. Agradeci às duas, e Amanda saiu dali contratada.

Hoje ela é vice-presidente da empresa. E eu? Continuo com meu velho disfarce guardado no armário, pronto para o próximo teste, porque o caráter nunca engana.

Partida vencida

Nicolas Fernandes Mouratidis (7º ano)

Depois do jogo de futebol no qual ganhamos de 2x0 na casa do adversário, me dirijo ao bebedouro e sou interrompido por uma voz e custo acreditar que a cena é real:

- ___ Oh, seu neguinho! Saia daí, esse bebedouro não é para você!
- ___ Como assim?
- ___ Eu falei em Inglês por acaso? Saia logo daí!
- ___ Eu só saio daqui com a polícia. Esse campo de futebol não é seu!
- ___ Polícia é? Chama então! Os policiais fazem coisas muito piores com gente da sua espécie.

Tentei refutar, mas pensei que ele não estava totalmente errado. Um a zero para ele. Sem argumentos imediatos só respondi:

- ___ Não vou sair daqui não!
- ___ Espere que vou chamar meu pai!
- ___ Estarei aqui.

Minutos depois um senhor de aproximadamente 40 anos acompanhado do garoto voltou:

___ Seu moleque abusado, esse bebedouro não é para gente de sua cor.
O senhor avançou sobre mim e já tinha fechado os olhos, sentindo a dor da pancada, quando ouvi.

- ___ O que está acontecendo aqui?
- ___ Esse neguinho está sujando nossa água, querendo beber água no nosso estadio!
- ___ O senhor cometeu crime de racismo e será conduzido à delegacia!
- ___ Mas é injusto policial, esses imundos estão ocupando nossos espaços para nos humilhar.
- ___ Tudo o que for falado pode ser usado contra o senhor.

O homem foi conduzido acompanhado do garoto que gritava desesperado.

- ___ Beba quanta água quiser, garoto! Disse o policial.

— Obrigado senhor!

— Não precisa agradecer! Assim como você, eu sei como é a sensação de sofrer racismo cotidianamente.

É preciso coragem

Anna Vitória Avelino Gomes (7ºano)

Flávia nasceu em uma família muito muito rica, mas nunca fez questão de ostentar, gostava das coisas simples da vida.

Um dia Flávia foi comprar roupas para viajar à Europa numa loja muito chique e com roupas muito caras. Assim que passou pela porta, sentiu olhos a medi-la da cabeça aos pés.

A mulher fingiu não perceber e começou a olhar as roupas, quando uma funcionária se aproximou e perguntou:

- ___ O que você está fazendo aqui?
- ___ Estou olhando as roupas. Respondeu como se não estivesse entendendo a situação.
- ___ Aqui? Indagou a vendedora desconfiada.
- ___ Sim, eu gostei desse vestido roxo.
- ___ Esse vestido é muito caro. Interrompeu a funcionária
- ___ Mas e esse azul?
- ___ Não temos roupas para pessoas de sua classe social. Falou a vendedora, sem paciência.

Flávia respirou fundo:

- ___ E como sabe minha classe social? Você está agindo assim é por causa da minha cor?
- ___ Sim, pessoas como você não tem dinheiro para estar aqui.
- ___ Eu tenho dinheiro para comprar a loja, se eu quiser. Respondeu a mulher magoada.
- ___ Você pode até ter dinheiro, mas eu não vendo roupas para pessoas como você.

Flávia saiu cansada de ver a mesma história se repetir em sua vida. Mas ela era forte e sabia que para vencer o racismo é preciso coragem. A mulher se dirigiu diretamente à delegacia.



Charge produzida pelo estudante Daniel Franco da Costa- 7º ano

ARTIGO DE OPINIÃO

O racismo estrutural no Brasil

Izabella dos Anjos Duarte- 7º ano

O Brasil é um país miscigenado, por isso acredita-se que aqui não deveria existir racismo, entretanto o que vemos hoje é o contrário dessa ideia.

O racismo é uma forma de discriminação que enaltece pessoas brancas e desvaloriza negros e indígenas. No Brasil, isso vem de raízes do passado, tendo como berço o período de escravidão no país.

Nesse período, existia uma hierarquia social branca que considerava negros e indígenas mercadorias cuja mão de obra poderia ser explorada no trabalho forçado. Foi um período lamentável da nossa história.

Mesmo com o fim da escravidão, o racismo velado prevalece na sociedade brasileira. Temos diversos exemplos como menos acessos das pessoas negras à educação, saúde e trabalho bem remunerado. Além da dificuldade dos negros de ocupar cargos de chefia.

Para mudar isso, é preciso que tenhamos mais empatia e possamos aprender com o passado, respeitando e valorizando a cultura negra. Além disso, é indispensável ações políticas que conscientizem as pessoas à terem respeito pela nossa diversidade.

Racismo no futebol

Gustavo Ribeiro Cruz- 7º ano

O racismo, infelizmente, está presente em todo lugar, inclusive no futebol. Grande parte desses casos ocorrem com torcedores ofendendo jogadores, principalmente, os brasileiros que jogam no exterior.

Um caso que ganhou grande repercussão ocorreu com o jogador Vinícius Júnior em uma partida pelo campeonato espanhol, na qual a torcida adversária ecoou no estádio a palavra “macaco” e outras ofensas racistas.

Casos assim são muito comuns na Europa, a ofensa contra o imigrante negro em países europeus é legado do período da colonização e uma herança histórica da escravidão, na qual o negro foi alforriado, mas nunca libertado das amarras do preconceito do homem branco.

Mas a pergunta é: quando isso vai acabar? Até quando nosso esporte será manchado por crimes racistas em que pouco ou nada acontece com os agressores?

É preciso tomar medidas mais drásticas em relação ao crime de racismo no futebol, como punições severas aos times como multas e exclusão do campeonato, jogos com portões fechados prisão de torcedores que cometem esses atos e campanhas de conscientização contra o racismo.



Desenho produzido pela estudante Bruna Carla Barbosa Moreira Ferreira- 6º ano

CARTA ABERTA

Combate à violência contra as mulheres negras: um apelo à ação e justiça,

Ao |Ministério das mulheres,

A violência contra a mulher é um grave problema social no Brasil. Segundo o Anuário da Segurança Pública, só em 2024, foram registrados no país o maior número de feminicídios dos últimos dez anos, com 1492 vítimas. Esse dado é o reflexo da violência estrutural que atinge nossa sociedade e que afeta principalmente mulheres negras e em situação de vulnerabilidade social.

Esta realidade não é nova. Durante anos, mulheres negras foram escravizadas e sofreram todo tipo de violência. A herança do racismo associada ao sexismo e desigualdade criam uma condição de extrema vulnerabilidade às mulheres negras no Brasil.

Apesar da violência acontecer em todas as esferas sociais, é fato que as mulheres pretas e pobres são as maiores vítimas de violência, conforme o mesmo Anuário da Segurança Pública, 68% das vítimas de feminicídio são mulheres negras.

Diante dessa triste realidade, nos dirigimos ao Ministério das Mulheres para cobrar ações urgentes e eficientes no combate à violência contra as mulheres, como mais canais de denúncias, rede de apoio e acolhimento público às mulheres agredidas, campanhas e ações de segurança e, principalmente, punição severa aos agressores.

Temos certeza que nosso apelo será ouvido com atenção e responsabilidade para que possamos acreditar em um futuro melhor para nós em uma sociedade mais justa e respeitosa.

Respeitosamente,

Gabriela Sousa Cintra e Anna Isabela C. Freitas (estudantes do 7º ano)

CARTA ABERTA

Ao povo brasileiro,

Vivemos em um país marcado pela diversidade, mas também por desigualdades profundas que se refletem em nossa história e em nosso cotidiano. O racismo e a violência de classe ainda são feridas abertas na sociedade brasileira e combater esses dois problemas sociais é um dever coletivo.

O racismo, infelizmente, continua presente nas escolas, nas ruas, no mercado de trabalho e nas redes sociais. Pessoas negras ainda são as mais atingidas pela pobreza, pela exclusão e pela violência. Já a violência de classe se manifesta quando os mais pobres são humilhados e excluídos por conta da condição de vulnerabilidade social. Esses problemas estão intimamente ligados e se reforçam um ao outro, mantendo um ciclo de injustiça em nossa sociedade.

Para mudar essa realidade é preciso agir em várias frentes. A educação é uma das principais armas de combate ao preconceito. Portanto, é essencial que as escolas abordem a história e a cultura afro-brasileira, valorizando a contribuição do povo negro para a construção desse país. Também é necessário promover políticas públicas que garantam igualdade de oportunidades e que combatam a discriminação no trabalho para melhorar as condições de vida nas comunidades mais vulneráveis.

Sendo assim, cada pessoa pode fazer sua parte: combater atitudes preconceituosas em seu cotidiano, respeitar as diferenças e incentivar o respeito à igualdade de oportunidades como um todo. Um Brasil mais justo depende da união e do compromisso de todos nós. Além disso, é importante fortalecer o debate e as campanhas de conscientização dentro das escolas e comunidades em geral, incentivando o respeito, conhecimento pela causa e a empatia entre toda a população brasileira.

Maria Luiza Teixeira Arraes Guimarães (9º ano)

Carta Aberta

Como combater o racismo e a violência de classe no Brasil?

Vivemos em um país lindo e diverso, mas que ainda carrega feridas profundas deixadas pela desigualdade e preconceito social. O racismo e a violência na escola continua sendo uma triste realidade de milhares de pessoas que são atacadas todos os dias em seus espaços de convivência e sobrevivência. Ser contra a violência social ou racial não é apenas dizer que todas as pessoas são iguais. É entender que nem todos tem as mesmas oportunidades, e que infelizmente a cor da pele ainda define o modo como alguém pode ser tratado na escola, no trabalho ou nas ruas.

A violência nas escolas precisa ser discutida por todos. Combater o racismo não é apenas falar sobre o assunto, mas mudar as atitudes com a voz ativa. O Brasil é um país em que muitas pessoas são vistas e respeitadas com base no que elas têm, e não pelo que elas são. Isso cria um ego social muito alto entre ricos e pobres, reforçando injustiças e exclusões. É preciso quebrar esse modelo de vida para enxergar que a dignidade é mais que qualquer status social e dinheiro.

Combater a desigualdade social e o racismo não é tarefa para poucas pessoas. É dever e compromisso de todos os cidadãos que almejam uma sociedade menos desigual para as futuras gerações. Somente através do diálogo, respeito e campanhas de conscientização será possível construir um Brasil verdadeiramente justo e honesto em que a cor da pele e a classe social não será o padrão para definir o valor das pessoas bem como determinar o que elas verdadeiramente, em essência, são.

Alana Cristina Sobrinho (9º ano)



Desenho produzido pela estudante Yanni Prado Adorno- 7º ano

***A educação também é um ato de
resistência e esperança!***